

INCLUSÃO

Outra iniciativa é executada na área de turismo

Em maio de 2016, cerca de 70 profissionais e estudantes da área de turismo começaram a participar de aulas de Guiamento Inclusivo no Campus do Ifal em Maceió.

As aulas foram desenvolvidas na área de legislação, como também faziam perfil e elaboração de roteiros turísticos para cegos. A ideia foi elaborada por duas alunas do curso de Gestão em Turismo, como projeto de extensão e surgiu depois de ambas participarem da disciplina de Turismo Inclusivo.

As estudantes Fabiana Viana e Monique Morais já haviam passado pela disciplina e atualmente se tornaram instrutoras do curso de extensão. Agora, elas repassam para os guias de turismo e à comunidade interessada o conhecimento adquirido no relacionamento e planejamento de ações com os turistas cegos. No projeto de extensão, elas discutem a acessibilidade e as barreiras do lazer turístico para aquele público.

O projeto funciona da seguinte maneira: nas aulas práticas, parte dos alunos têm os olhos vendados enquanto seus colegas são posicionados na função de guias. Impossibilitados de enxergar, eles percorrem os corredores do instituto e enfrentam obstáculos comuns vivenciados diariamente pelos cegos. Essa ação visa sensibilizá-los para a situa-



DIVULGAÇÃO

Projeto do Ifal inclui deficientes visuais no lazer turístico de Alagoas

ção desse público.

Segundo as estudantes, o curso gera uma reflexão de como os alunos se sentiriam enquanto deficientes visuais e como eles queriam ser ajudados pelo guia. Para elas, projetos como esse devem ser criados e pensados como mecanismos de inclusão social.

E é pensando nessa possibilidade de proporcionar arte, cultura e inclusão que o aplicativo de acessibilidade cultural está sendo pensado com foco na integração dos deficientes visuais para

que eles também possam se sentir incluídos na comunidade.

Monique lembra que o projeto surgiu após um levantamento que ela e outro aluno do curso de Gestão em Turismo, Thamyson Medeiros, realizaram em parceria com o Instituto de Computação da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). No estudo, verificou-se que, apesar de mais de 90% dos pontos turísticos de Maceió estarem acessíveis para pessoas com deficiência física ou motora, apenas 27% desses locais es-

tão aptos a receber pessoas com deficiência visual e somente 18% deles são acessíveis para pessoas com deficiência auditiva.

“Essa estatística não saiu da minha cabeça e foi a partir daí que percebi a necessidade de fazer alguma coisa para mudar essa realidade. Entrei em contato com a Fabiana e iniciamos as pesquisas acerca do tema. Apresentamos a proposta à professora Valéria Goia, que aceitou participar do projeto, e usamos toda a experiência teórica adquirida nas aulas de Turismo Inclusivo”, lembrou Monique.

Para elaborar o curso, elas ainda contaram com a ajuda do presidente da Acal, Roberto Freire, que as apresentou ao curso de audiodescrição, que permite a inclusão de pessoas com deficiência visual em cinemas, teatros, passeios, casamentos, programas de televisão e outros.

Monique relata que os guias encontram dificuldades em adaptar aos deficientes visuais o trabalho voltado para os usuários que enxergam. Ela contou que parte dos museus, por exemplo, não possui audiodescrição, o que impossibilita aos usuários ter acesso a utensílios apenas a partir da fala. Novas ferramentas fazem com que profissionais repensem itinerários e os adaptem às limitações dos usuários.